Correio da Manhã

Circula em conjunto com: CORREIO PETROPOLITANO e CORREIO SUL FLUMINENSE

#cm 2

QUINTA-FEIRA

Estação exibe doc. do mestre Silvio Tendler

PÁGINA 4

Carlos Malta mostra novas versões para Elis

PÁGINA 7

Argentino Edo Constantini em individual no MAC Niterói

PÁGINA 8

O Teatro bem na Fita

'Mary Stuart' conquistou 11 indicações, seguido por 'Ficções', que recebeu nove menções; Resultado final da premição está marcado para outubro

Annelize Tozetto/Divulgação

Por **AFFONSO NUNES**

A 17ª edição da Festa Internacional de Teatro de Angra (Fita) encerrou suas atividades no último domingo com números expressivos que consolidam o evento como uma das principais celebrações teatrais do país. Durante 17 dias, de 22 de agosto a 7 de setembro, Angra dos Reis recebeu uma verdadeira maratona cênica com 32 espetáculos, encontros, palestras e ações formativas que movimentaram a Tenda Enel e o Teatro Municipal da cidade. Desde sua criação, o festival já atraiu mais de um milhão de espectadores, estabelecendo-se como um dos mais tradicionais e longevos festivais de artes cênicas brasileiros.

O júri desta edição, presidido pelo jornalista e crítico teatral Dirceu Alves Jr., e composto pelo ator Rogério Freitas e pela atriz Suzana Nascimento - que já conquistou dois prêmios FITA de Melhor Atriz em edições anteriores -, divulgou as indicações para 17 categorias do Prêmio Fita. A cerimônia de premiação acontecerá no Rio de Janeiro em outubro, quando serão conhecidos os vencedores desta edição que se destacou pela qualidade artística dos trabalhos apresentados. **Continua na página seguinte**

Annelize Tozetto/Divulgação

Meu Remédio

Annelize Tozetto/Divulgação

Madame Blavatsky

Annelize Tozetto/Divulgação

O Bem Amado

Annelize Tozetto/Divulgação

Novas Diretrizes em Tempos de Paz

Annelize Tozetto/Divulgação

Ficções

Júri ampliou as indicações por categoria

Annelize Tozetto/Divulgação

Rita Lee - Uma Autobiografia

"Mary Stuart", sob direção de Nelson Baskerville, emergiu como grande destaque da temporada ao conquistar 11 indicações, demonstrando a força de uma produção que impressionou tanto o público quanto a crítica especializada. Logo atrás, "Ficções", solo interpretado por Vera Holtz com direção de Rodrigo Portella, acumulou nove menções, confirmando o sucesso de um espetáculo que já percorreu o mundo com mais de 300 apresentações ao longo de três anos, lotando teatros em diferentes países.

O terceiro lugar no ranking de indicações ficou com "E Vocês, Quem São?", que recebeu sete menções, seguido por dois espetáculos empatados com seis indicações cada: "O Bem Amado", que trouxe Diogo Vilela como protagonista e homenageado da edição, e "Novas Diretrizes em Tempos de Paz", dirigido por Eric Lenate, que fez sua estreia nacional justamente no festival angrense.

A qualidade excepcional desta edição levou o júri a tomar uma decisão inédita em duas categorias fundamentais. Segundo Dirceu Alves Jr., "pela alta qualidade de inúmeras indicações", tanto na categoria Melhor Espetáculo quanto na de Melhor Atriz, o júri decidiu unanimemente ampliar o número de indicações de cinco para seis, demonstrando o nível artístico elevado dos trabalhos apresentados.

Entre os destaques individuais, Osmar Prado recebeu um Prêmio Especial do Júri por sua atuação em "O Veneno do Teatro". Conforme justificativa dos jurados Rogério Freitas e Suzana Nascimento, junto com o presidente Dirceu Alves Jr., a performance representa "uma declaração de amor à profissão que o artista exerce com brilhantismo há mais de seis décadas", reconhecendo não apenas a qualidade da interpretação, mas toda uma trajetória dedicada às artes cênicas.

O festival também serviu como palco para celebrar a carreira de Diogo Vilela, que recebeu homenagem especial pelos seus 55 anos de trajetória teatral ininterrupta. No sábado anterior ao encerramento, a Tenda Enel lotou seus quase mil lugares em todas as sessões para prestigiar "O Bem Amado" e a celebração posterior ao artista que iniciou a carreira aos 12 anos, em 1969, na telenovela "A Ponte dos Suspiros". Ao longo de sua trajetória, Vilela protagonizou marcos como "Ensina-me a Viver" (1981), ao lado da lendária Henriette Morineau, e sucessos teatrais como "Solidão, a Comédia" (1991), "Diário de um Louco" (1995), "Hamlet" (2000) e "Cauby! Cauby!" (2006).

A programação desta edição reuniu nomes consagrados do teatro brasileiro, como Vera Holtz, que apresentou o aclamado "Ficções", José de Abreu com o elogiado "A Baleia", Mel Lisboa trazendo o fenômeno "Rita Lee – Uma Autobiografia Musical" - espetáculo que acumulou 16 meses de lotação esgotada no Rio de Janeiro e São Paulo -, além de Osmar Prado com "O Veneno do Teatro".

Annelize Tozetto/Divulgação

A Baleia

Annelize Tozetto/Divulgação

A Coisa

Divulgação

O Elogio da Loucura

Annelize Tozetto/Divulgação

Ficções

Ligia Jardim/Divulgação

Gente de Classe

Divulgação

O Veneno do Teatro

OS INDICADOS AO PRÊMIO FITA 2025

MELHOR ESPETÁCULO
✱O Bem Amado
✱E Vocês, Quem São?
✱Ficções
✱Mary Stuart
✱Novas Diretrizes em Tempos de Paz
✱Rita Lee – Uma Autobiografia Musical

PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI
✱Osmar Prado (O Veneno do Teatro)

DRAMATURGIA
✱Júlia Spadaccini (Por que não nós?)
✱Jonathan Raymundo (E Vocês, Quem São?)
✱Leandro Soares e André Dale (A Coisa)
✱Mouhamed Harfouch (Meu Remédio)
✱Rodrigo Portella (Ficções)

DIREÇÃO
✱André Dale, George Sauma e Leandro Soares (A Coisa)
✱Eric Lenate (Novas Diretrizes em Tempos de Paz)
✱João Fonseca (Meu Remédio)
✱Nelson Baskerville (Mary Stuart)
✱Rodrigo Portella (Ficções)

ATOR
✱Eric Lenate (Novas Diretrizes em Tempos de Paz)
✱George Sauma (A Coisa)
✱José de Abreu (A Baleia)
✱Mouhamed Harfouch (Meu Remédio)
✱Samuel de Assis (E Vocês, Quem São?)

ATRIZ
✱Ana Cecília Costa (Mary Stuart)
✱Gláucia Rodrigues (O Som que Vem de Dentro)
✱Leona Cavalli (O Elogio da Loucura)
✱Letícia Soares (A Partilha)
✱Mel Lisboa (Rita Lee – Uma Autobiografia Musical)
✱Vera Holtz (Ficções)

ATOR COADJUVANTE
✱Ataíde Arcoverde (O Bem Amado)
✱César Mello (Mary Stuart)
✱Chris Penna (O Bem Amado)
✱Joelson Medeiros (Mary Stuart)

ATRIZ COADJUVANTE**
✱Alice Borges (A Baleia)
✱Débora Reis (Rita Lee – Uma Autobiografia Musical)
✱Letícia Calvosa (Mary Stuart)
✱Rose Abdallah (O Bem Amado)

TRILHA SONORA
✱Daniel Maia (Mary Stuart)
✱Federico Puppi (Ficções)
✱Guga Stroeter (O Veneno do Teatro e O Elogio da Loucura)
✱Larissa Luz e Os Capoeira (E Vocês, Quem São?)
✱L. P. Daniel (Novas Diretrizes em Tempos de Paz)

CENÁRIO
✱Bia Junqueira (Ficções)
✱Eric Lenate (Novas Diretrizes em Tempos de Paz)
✱Marisa Bentivegna (Mary Stuart)
✱Nello Marrese (O Som que Vem de Dentro)
✱Ronald Teixeira e Pedro Stamford (O Bem Amado)

FIGURINO
✱Carla Garan (Por que não nós?)
✱João Pimenta (Ficções e Madame Blavatsky – Amores Ocultos)
✱Kelly Siqueira e Mariana Baffa (O Elogio da Loucura)
✱Marichilene Artisevskis (Mary Stuart)
✱Meninos Rei por Júnior Rocha e Céu Rocha (E Vocês, Quem São?)

ILUMINAÇÃO
✱Aline Sayuri e Eric Lenate (Novas Diretrizes em Tempos de Paz)
✱César Pivetti (E Vocês, Quem São?)
✱Luiz Fernando Vaz Junior (Rita Lee – Uma Autobiografia Musical)
✱Paulo César Medeiros (Ficções)
✱Wagner Freire (Mary Stuart)

REVELAÇÃO
✱Bernardo Coimbra (A.M.I.G.A.S.)
✱Gabriela Freire (A Baleia)
✱Julia Iório (A.M.I.G.A.S.)
✱Luana Camaleão (As Portas Só Abrem por Dentro)
✱Nalu Albuquerque (Chez Toi – Em Seu Lugar)

PRÊMIO DE HUMOR
✱A Coisa
✱Deboche – A Tragédia
✱Embrulha pra Viagem
✱Minha Nova Ginecologista
✱Vale Night

CATEGORIA ESPECIAL
✱A Palavra que Resta (coletivo de atores e atrizes)
✱Conceição Telles, Daniel Benevides, Gerson Porto e Marieta Vasconcelos (equipe técnica de Ficções)
✱Dois Contra o Mundo (primeira montagem póstuma de Domingos Oliveira)
✱E Vocês, Quem São? (reflexão sobre racismo estrutural)
✱Virginia Cavendish (produção de Mary Stuart)

JÚRI POPULAR
✱A Coisa
✱O Bem Amado
✱Rita Lee

PRÊMIO INFANTIL – FITINHA
✱Alice, uma Aventura Musical
✱Era uma Vez no Sítio do Pica Pau Amarelo
✱Meio Ambiente é com a Gente

Silvio Tendler para a Eternidade

O papa do documentário histórico ganha homenagem póstuma do Estação NET Rio esta noite

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

Divulgação

Em entrevista ao Correio em abril, Silvio Tendler previu que as novas tecnologias, em particular as IAs, ajudarão a reinventar os documentários

Silvio Tendler em Moscou durante a realização de 'Nas Asas da Pan Am'

Alguns hão de chamar de cerimônia do adeus, mas, na prática, a sessão em homenagem a Silvio Tendler (1950-2025) no Estação NET Rio, nesta quinta, às 19h, é um "segue com a gente", um "vai embora não". Uma projeção de "Nas Asas da Pan Am (2020), finalizado em plena pandemia, na celebração do 70º aniversário do realizador, será exibido no réquiem cinéfilo que revisita sua trajetória única em circuito.

Tendler morreu na sexta-feira passada, em decorrência de complicações do diabetes, mas emplacou uma mítica. Nenhum outro documentarista brasileiro vendeu tanto ingresso quanto o cineasta carioca, conhecido como o mais ativo representante da História entre os artesões da não ficção a filmar em língua portuguesa. Seu "O Mundo Mágico dos Trapalhões" (1981) somou 1.892.117 pagantes, tornando-se um caso raro de blockbuster de um segmento que (muito) raramente ultrapassa 250 mil espectadores.

Hoje na Prime Vídeo da Amazon, esse longa-metragem sobre Didi, Dedé, Mussum e Zacarias em suas vidas fora das câmeras coroou uma espécie de era de ouro para as narrativas documentais do país nas salas de projeção. Ainda nos anos 1980, em meio ao processo de redemocratização, Tendler lotou cines com "Os Anos JK – Uma Trajetória Política" (1980), que totalizou 800 mil espectadores, e "Jango" (1984), que contabilizou cerca de 1 milhão de entradas vendidas.

Na dramaturgia de ambos, ele contrapôs o otimismo da era pré-1964 à sisudez do regime militar. Completou sua "Trilogia Presidencial" com "Tancredo: A Travessia", lançado no festival É Tudo Verdade, em 2011. Em meio à euforia comercial de seus maiores êxitos, ele fundou a produtora Caliban e virou professor na PUC-Rio. "Sou um cineasta sem câmera", orgulhava-se ao explicar que contava mais com imagens de bancos de dados de cinematecas, acervos públicos e TVs do que com cenas rodadas por sua equipe, tendo a filha, Ana Rosa Tendler, como produtora.

"Os detentores dos arquivos estão cobrando cada dia mais caro e isso é um fenômeno universal", disse Silvio, em entrevista ao Correio da Manhã, em março, ao comemorar seus 75 anos, preparando a estreia de "Brizola – Anotações Para Uma História", que finalizou em 2024. "Fui comprar arquivo na TV Cultura, do Brizola no "Roda Viva", e um gestor me falou: "Arquivo de morto é mais caro, 7 mil reais um minuto". Só que eles não perdem por esperar, porque a inteligência artificial vai transformar os arquivos em sucata. Daqui para frente, a verdade e a construção da memória não poderão abrir mão das novas tecnologias da reconstrução dessa memória, com novas técnicas narrativas. Já no 'Brizola' eu utilizo animação. Assim, eu converso com jovens. Daqui para frente, a cada dia, os arquivos serão menos necessários e a verdade vai aflorar com outras tecnologias.

Ana Rosa está negociando caminhos de distribuição para "Brizola – Anotações Para Uma História". O longa escolhido pelo Estação para celebrar seu pai, "Nas Asas da Pan Am" tem voltagem política alta também, mas se articula mais pela seara da saudade, como se fosse um arrolado de memórias.

A partir de materiais produzidos em diversos momentos da sua trajetória, o autorretrato passa pelo jovem Tendler que, durante o autoexílio, nos anos 1970, viveu o sonho do socialismo com liberdade no Chile de Salvador Allende; estudou cinema na Paris dos rescaldos de 68; e quis tomar um café com Jean-Luc Godard, antes do semiólogo por trás de "Acossado" (1960) se mandar para a Suíça. Ainda um galeto ao belo canto, apaixonado por Glauber Rocha, o Silvio ainda moleque conheceu Portugal da Revolução dos Cravos e, de volta ao Brasil, imbuído pelo espírito de luta de nossos patrícios, assumiu o cinema como sua metralhadora. Feito um globetrotter, ST esteve em Cuba, na União Soviética e na Alemanha. Passeou por esses cantos todos durante a Guerra Fria, registrando mundos que não existem mais.

"O conhecimento do passado é essencial para o futuro", disse Tendler ao Correio, quando finalizou o .doc sobre Brizola. "A vida não é uma folha de papel em branco. Desde que saímos do útero, estamos rodeados de informação sobre o que veio antes. A partir delas, a gente cria novas tecnologias, novos dispositivos teóricos e práticos. Como eu venho de uma geração libertária, preciso me relacionar objetivamente com os materiais históricos e, a partir deles, criar uma dialética".

Ao partir, no dia 5, Tendler deixou inacabado um filme sobre Pontos de Cultura, que estava em gestação, mas conseguiu emplacar uma série de filmes no streaming, sobretudo na já citada Amazon, onde está seu seminal "Utopia e Barbárie", de 2010, e "Em Busca de Carlos Zéfiro" (2020), uma aula de irreverência.

Ruge o diretor mais 'Toca Raul' do cinema

Vitória de Jim Jarmusch na briga pelo Leão de Ouro gera corrida por sua obra 'maluco beleza'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

Com elenco estelar, 'Father Mother Sister Brother' venceu o Festival de Veneza de 2025

Concorrendo com divos autorais de gerações posteriores à sua como o mexicano Guillermo Del Toro, o parisiense François Ozon e o grego Yorgos Lanthimos, Jim Jarmusch, o realizador mais "toca Raul" do cinema americano, surpreendeu o planisfério cinéfilo, no último fim de semana, ao conquistar o Leão de Ouro do Festival de Veneza, derrotando os rivais supracitados sem ter a menor expectativa de vitória.

"Que merda!" foi sua expressão no palco do Lido, o epicentro do evento italiano, ao ser premiado por "Father Mother Sister Brother", comédia dramática em três segmentos, editada pelo montador brasileiro Affonso Gonçalves. Um elenco monumental (Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps e Françoise Lebrun) eletrifica uma narrativa trifurcada, salpicada de riscos e lágrimas pelo diretor de 72 anos, encarado desde a década de 1980 como um papa da independência criativa, sem um vínculo sequer com a política dos estúdios.

O modo indie de filmar começou lá no fim dos anos 1950, com John Cassavetes (1929-1989), e ganhou tônus de 1967 a 1981 com a geração Easy Rider de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Brian De Palma e Spielberg, que, quase em bando, fez votos de boa vizinhança com as grandes corporações.

Jarmusch, com seu ar maluco beleza de tratar as drogas e a cena musical, não. Se há lugar hoje na América para criadores como Sean Baker - coroado com quatros Oscars, em março, por "Anora" -, capazes de filmar com iPhone a fim de encurtar os custos, foi JJ quem arou esse terreno. Um terreno onde Steven Soderbergh, Quentin Tarantino, Darren Aronofsky, Wes Anderson e Paul Thomas Anderson fincaram suas bandeiras.

La Biennale/Divulgação

Jim Jarmusch com o Leão de Ouro conquistado em Veneza

Por isso, a escolha do diretor de "Os Mortos Não Morrem" (longa de abertura do Festival de Cannes de 2019) pelo júri veneziano, que tinha Fernanda Torres no time, foi um aceno com a liberdade de criar, o que gera uma corrida hoje no streaming por sua obra. A MUBI encampou o filé mignon dele pra si. "O Jim é um dos mais importantes diretores independentes do cinema americano, pois faz seus filmes sem comprometer a visão que tem", disse Affonso Gonçalves ao Correio da Manhã, por Whatsapp. "Metade desse filme novo dele fizemos remotamente: eu em LA e ele em NY. Nas últimas seis semanas trabalhamos juntos em Nova York", detalha o bamba paulista da edição, que montou "Ainda Estou Aqui" para Walter Salles, e comemorou a conquista do Oscar pelo retrato delicado da resistência à ditadura brasileira.

O tema de Jarmusch em "Father Mother Sister Brother" é família... são laços de afeto. Há um lugar de honra para a lealdade em seu cinema, com destaque para "Daunbailó", concorrente à Palma de Ouro de 1986. Hoje na Mubi, essa comédia em P&B mucho loca narra a convivência de presos de quinta categoria do xilindró à fuga. Um Roberto Benigni pré "A Vida É Bela" (1998) se junta a Tom Waits e John Lurie nesse estudo sobre a vadiagem num país onde time is money.

Nascido em Akron, em Ohio, Jarmusch estreou em 1980, com "Férias Permanentes", que lhe rendeu um prêmio no Mannheim-Heidelberg International Film Festival, na Alemanha. O longa seguinte, "Estranhos no Paraíso" - que se encontra no www.mubi.com - ganhou o Leopardo de Ouro no Festival de Locarno de 1984 e o troféu Caméra d'Or de Cannes. Por lá se vê ainda "Sobre Café e Cigarros" (2003), com Bill Murray em estado de graça; "Dead Man" (1995), com Johnny Depp; "Uma Noite Sobre a Terra" (1991), que tem Winona Ryder num coletivo de estrelas brilhante; e "Trem Mistério" (1989), com Tom Noonan.

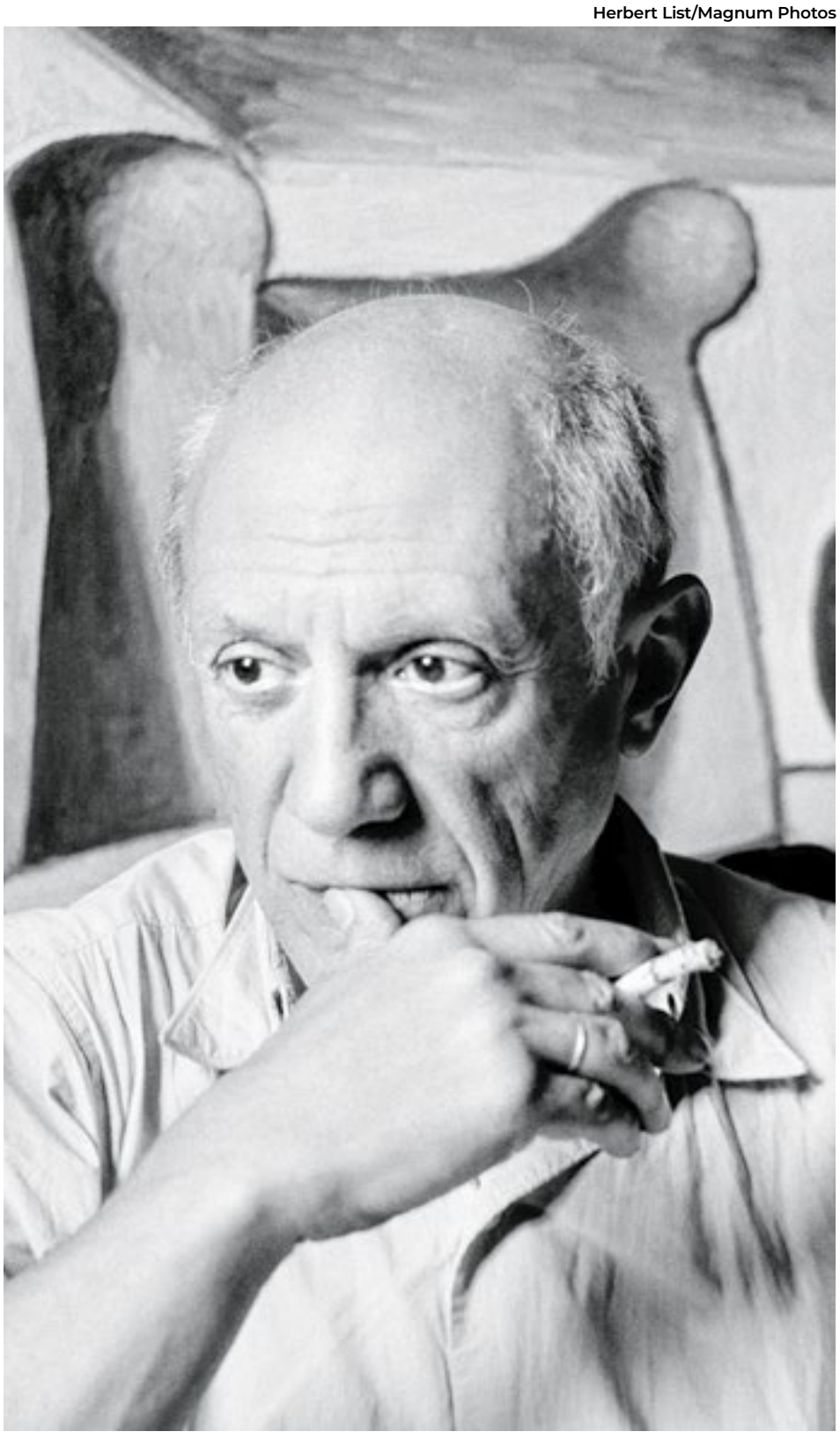
Na plataforma Looke acha-se "Paterson" (2016) e na Prime Video rola ver "Amantes Eternos" (2013) e a obra-prima do realizador, "Flores Partidas", coroada com o Grande Prêmio do Júri de Cannes em 2005, à luz de um Bill Murray impagável.

"Filmo histórias sobre táticas de se preservar o encantamento em relação às coisas simples e corriqueiras da vida", disse Jarmusch, ao Correio da Manhã, na França. "Sem a simplicidade só resta desilusão".

Picasso, um rebelde em Paris

Documentário estreia nos cinemas brasileiros explorando as contradições do gênio espanhol e sua relação com a capital francesa

Herbert List/Magnum Photos



Pablo Picasso em imagem de 1948: o gênio espanhol era visto com certa descofiança numa França pouco aberta a estrangeiros

Cinquenta anos após a morte de Pablo Picasso, um novo documentário promete desconstruir a imagem consolidada do artista mais influente do século 20. "Picasso - Um Rebelde em Paris" ("Picasso: Un ribelle a Parigi - Storia di una vita e di un museo"), dirigido por Simona Risi, chega aos cinemas brasileiros nesta quinta-feira (11), propondo uma abordagem inédita sobre o mestre espanhol.

O filme integra o Circuito Arte no Cinema, ciclo de documentários cuidadosamente selecionados pela Autoral Filmes nos prestigiados mercados do Festival de Cannes e da Berlinale 2025. A iniciativa teve início em junho com "Andy Warhol - Um Sonho Americano" e prosseguirá com "Maldito Modigliani", previsto para 13 de novembro, e "Munch - Amor, Fantasmas e Vampiras", que estreia em 4 de dezembro.

A produção de Simona Risi estabelece um diálogo constante entre o vasto acervo do Museu Nacional Picasso em Paris - que abriga a maior coleção mundial dedicada ao pintor, com milhares de obras e material de arquivo - e os bairros parisienses que moldaram a trajetória do artista. Desde os primeiros ateliês sem aquecimento até os apartamentos de classe média onde seu sucesso começou a se consolidar, o documentário constrói uma jornada física e intelectual para compreender tanto a obra quanto o espírito contraditório de Picasso.

"Uma revolução na forma, mas acima de tudo na maneira como vemos as coisas", define a diretora sobre o trabalho do mestre espanhol. Risi explica que o filme utiliza "uma linguagem contemporânea para contar a história de um gigante do modernismo", buscando revelar aspectos pouco conhecidos do pintor que historiadores e estudiosos da arte estão apenas agora começando a investigar.

Central na narrativa está a participação da atriz iraniana Mina Kavani, vencedora do Prêmio Especial do Júri no Festival de Veneza 2022 por "No Bears". Kavani conduz o espectador por locais significativos como o circo, um dos ambientes favoritos de Picasso, onde ele encontrava inspiração para preencher suas telas com acrobatas após os espetáculos. "Em nosso documentário, o circo é uma metáfora para ilustrar a personalidade complexa do protagonista e suas dificuldades em encontrar um equilíbrio entre os opostos", resume a diretora.

O documentário explora deliberadamente as contradições do caráter picassiano - generoso e despótico simultaneamente, feito de sol e sombra, frequentemente escondido atrás de uma máscara - e a duplicidade de seu comportamento, especialmente em relação às muitas mulheres que marcaram sua vida. Esta abordagem levanta uma questão fundamental que permeia toda a obra: é possível separar o artista do homem?

Sempre presente no plano de fundo está a Paris da época de Picasso, uma cidade igualmente repleta de contradições que, na virada do século, justamente quando se tornava uma metrópole aberta e moderna, demonstrava intolerância e xenofobia em relação aos imigrantes. E Picasso era precisamente isso: um imigrante, um anarquista entre anarquistas em Montmartre, o tipo desconfiado, alguém a ser observado com cautela.

"Aspectos pouco conhecidos do pintor emergirão, revelando um lado dele que historiadores e estudiosos da arte estão apenas agora começando a investigar, como o fato de ele ser 'um estrangeiro' em Paris", destaca o material de divulgação. O filme inclui análises detalhadas de suas obras, descobrindo inclusive por que é possível lançar um olhar "queer" sobre a produção do artista sem esforço forçado.

A produção é enriquecida por entrevistas com críticos de arte, curadores, intelectuais e artistas que oferecem acesso privilegiado à mente de Picasso. Entre os especialistas consultados estão Cécile Debray, presidente do Museu Nacional Picasso em Paris, Annie Cohen-Solal, autora do livro "Un étranger nommé Picasso", e os historiadores de arte Marie-Laure Bernadac e Eugenio Carmona Mato. O trabalho inclui ainda leituras de trechos de cartas e livros sobre o pintor, criando um mosaico interpretativo que busca compreender tanto o gênio quanto o homem por trás da obra revolucionária.

Sopros apimentados de um mago do ar

Carlos Malta e banda apresentam releituras instrumentais do repertório de Elis Regina

Por **Affonso Nunes**

Vinicius Giffoni/Divulgação

Carlos malta gravou dois álbuns dedicados à saudosa Pimentinha

O multi-instrumentista de sopros, arranjador e compositor carioca Carlos Malta apresenta nesta quinta-feira (11), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, o espetáculo "Pimenta Pimentinha", um tributo a Elis Regina que consolida uma das maiores fontes de inspiração do músico. O show é fruto de duas obras que Malta lançou em homenagem à cantora: os álbuns "Pimenta", gravado em 2000 e relançado nas plataformas digitais em janeiro de 2024, e "Pimentinha Sessions", lançado em junho do ano passado.

No espetáculo, Malta passeia por sua vasta gama de instrumentos de sopro, esbanjando técnica e inventividade, acompanhado por artistas de diferentes gerações: Cliff Korman (piano), Fofo Black (bateria), Giordano Gasperin (baixo) e Haroldo Eiras (guitarra).

"Promover a circulação desse som, trazer a memória da Elis para as novas gerações, reforçar a natureza das canções, a beleza da harmonia, a coisa interessante do ritmo, as melodias rebuscadas. Era isso que Elis buscava no seu trabalho de interpretação e é isso que estamos buscando com este projeto: levar esse som ao público", explica Malta.

Embora o repertório traga temas muito conhecidos, Carlos Malta e banda inovam ao redimensioná-los de forma jazzística, clássica e muito brasileira, trazendo em cada tema timbres, variações rítmicas e harmônicas, improvisos e novidades escondidas nas canções. O álbum "Pimenta" se debruça sobre um repertório mais convencional de Elis com releituras para "Garota de Ipanema" e "O Bêbado e a Equilibrista", entre outras. Já "Pimentinha Sessions" segue uma linha lado B com releituras instrumentais de faixas como "Alô, Alô Marciano" (Rita Lee/Roberto de Carvalho), "Trem Azul" (Lô e Márcio Borges), "Aprendendo a Jogar" (Guilherme Arantes) e "Se Eu Quiser Falar com Deus" (Gilberto Gil).

SERVIÇO

CARLOS MALTA - PIMENTA PIMENTINHA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
11/9, às 19h30
Ingressos a partir de R$ 45

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

A mistura de Mari Jasca

A cantora e compositora Mari Jasca apresenta show gratuito no Espaço Cultural BNDES nesta quinta-feira (11), às 19h30. Com raízes argentinas e vivência nas ruas e na noite carioca, a artista mistura forró, pop, milonga, flamenco e jazz em seu trabalho. Seu disco de estreia "Disparada", lançado em 2024, já ultrapassoua marca de 210 mil reproduções no Spotify. O espetáculo promete uma fusão de gêneros musicais com beats modernos e letras sobre coragem, desejo e liberdade. Mari também atua como atriz, artista circense e produtora cultural.

Acústicos revisitados

A banda Sete Cabeças, projeto de Charles Gavin (ex-Titãs) e Luiz Brasil, retorna ao Manouche nesta quinta-feira (11), às 21h. O grupo apresenta "Revisitando Acústicos", show que resgata repertórios dos álbuns MTV Acústico de Titãs, Cássia Eller e Rita Lee dos anos 1990. A formação inclui Cris Caffarelli, Daniela Spielmann, Pedro Coelho, Felipe Ventura e Drenna. O repertório traz quinze canções dos discos originais, além de "Mamãe Natureza", "Malandragem" e "O Segundo Sol".

Divulgação

Divulgação

Bossa & Elis no Beco

Berço da Bossa Nova, o Beco das Garrafas recebe nesta quinta-feira (11), às 21h, a cantora Yumi Park. Especialista em bossa e jazz, a artista sul-coreana radicada no Rio terá no palco a companhia de um time entrosado de músicos formado por Marlon Mouzer (violão 7 cordas), Alexandre Berreldi (contrabaixo) e Rodrigo Serra (bateria). Yumi revela que o espetáculo terá dois sets, cada um dedicado ás suas maiores paixões: o primeiro com clássicos da bossa nova e samba jazz, e o segundo dedicado a um tributo especial à cantora Elis Regina.

Divulgação

O sublime na natureza

Artista argentino Edo Constantini apresenta década de pesquisa fotográfica sobre florestas americanas no MAC Niterói

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói recebe até 23 de novembro a primeira exposição individual de Edo Costantini em território brasileiro. "Através do Véu Verde" reúne uma década de investigação artística do fotógrafo argentino, que desde 2013 documenta as florestas do norte do estado de Nova York, onde reside atualmente.

Filho do empresário Eduardo Costantini, fundador do prestigiado Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (Malba), Edo construiu trajetória própria entre arte e cinema. Atuou como diretor-executivo do museu portenho por cinco anos e produziu filmes como "Tropa de Elite", vencedor do Urso de Ouro em Berlim. Também integrou o conselho da plataforma Mubi, consolidando experiência no mercado audiovisual.

A exposição reúne a pesquisa fotográfica de Edo Constantini e esculturas e, bronze criadas com sua mulger, a artista Delfina Braun, e a arquiteta Delfina Muniz Barreto

A exposição, com curadoria de Nicolas Martin Ferreira e texto crítico de Paulo Herkenhoff, apresenta 20 fotografias em grande formato que capturam a essência etérea das paisagens de Katonah-Bedford Hills. As imagens, produzidas entre 2013 e 2025, nascem das caminhadas diárias do artista, transformando rotina contemplativa em reflexão sobre temporalidade e existência humana.

"Cada caminhada torna-se um portal para revelar o extraordinário no ordinário", explica Costantini sobre seu processo criativo. O trabalho fotográfico dialoga com pesquisas sobre plantas sagradas, resultando em representações que transcendem o documental para alcançar dimensão quase mística da natureza.

Complementam a mostra a instalação "Opium Whispers", homenagem a Jean Cocteau, e a projeção do filme "Last Survivors", obra de 30 minutos filmada no mesmo período das fotografias. A programação inclui ainda esculturas em bronze criadas colaborativamente com sua esposa, a artista Delfina Braun, e a arquiteta Delfina Muniz Barreto.

"Cada um de nós contribuiu com seu conhecimento, explorando juntos diferentes dimensões, tempos e espaços", explica Edo. As esculturas habitam silenciosamente as galerias do MAC, celebrando formas orgânicas enquanto refletem sobre relações entre dor e cura.

SERVIÇO

ATRAVÉS DO VÉU VERDE

MAC Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/ nº, Niterói)

Até 23/11, de terça a domingo (10h às 18h) | Ingressos: R$ 20 e R$ 10 (meia)